

sões:  $0^m,45 \times 0^m,20$ . Nelle estão gravados objectos que, em vista do que disse nos cap. I a III, considero extremidades de armas, e certamente armas de bronze.

A respeito da proveniencia d'este fragmento lapidar diz-me o Dr. Santos Rocha, em carta de 6 de Dezembro de 1905, que o encontrou no Algarve, no Monte Amarello, concelho de Lagos, onde cobria um cortiço de abelhas; o dono informou-o de que o trouxera de Marmeleto, concelho de Monchique, de uma sepultura já destruida.

Sendo, como supponho, justa a minha explicação, achamos que o costume funerario de representar na cobertura das campas dos guerreiros da epoca do bronze as armas d'estes vigorava em uma área bastante extensa, no sul do país, pois ia, pelo menos, desde perto de Beja até perto de Lagos.

Compreende-se que tal costume existisse, quando é certo que, por outro lado, se collocavam junto dos mortos as suas proprias armas; todavia ainda elle não havia sido observado em Portugal como vigente em tempos tão antigos<sup>1</sup>.

J. L. DE V.

---

### Tapetes de Arraiolos

Restituídos á evidencia pelo gosto, hoje tão generalizado, do *bric-à-brac*, os tapetes bordados de Arraiolos não estão ainda devidamente estudados. Como nesta revista (vol. VI, n.º 1) disse já o illustre escritor e critico de arte, o Sr. Joaquim de Vasconcellos, nem a sua polychromia está rigorosamente definida, nem os varios schemas do desenho methodicamente determinados, nem caracterizada a distincção entre os que são producto da industria caseira popular, e os bordados em conventos, que reproduzem padrões mais ou menos correctos e eruditos.

O meu intuito, nesta nota, não é realizar esse estudo,—interessantissimo, aliás, porque as industrias populares e tradicionaes são o documento mais genuino e mais authentic do genio esthetico de um povo,

---

<sup>1</sup> De então para cá, pelo que toca á antiguidade, só tornamos a achar o costume entre nós na epoca lusitano-romana. Em Hespanha é que, do tempo das inscripções ibericas, existe o fragmento de una interessante *tabula lapidea* que sem dúvida pertence á mesma classe de monumentos, pois, conjuntamente com um leitreiro em caracteres indigenas, tem gravadas cinco folhas de lanças; appareceu em Cretas (Aragão), e foi publicado nos *Monum. ling. Ibericae*, de Hübner, p. 151, n.º XVIII, e no *Boletín de la Acad. de la Hist.*, t. XXVI, p. 492.

e nellas deve inspirar-se, para ser fecunda e perduravel, toda a tentativa de resurgimento artistico-industrial.

Estas breves linhas teem somente por fim acompanhar a reproducção, ainda não feita na integra, do que acêrca dos tapetes de Arraiolos e especialmente dos processos de tingir as lãs que nelles se empregavam, compilou o erudito escritor J. H. da Cunha Rivara <sup>1</sup>.

Os bordados de Arraiolos eram, sem duvida, inspirados nas tapeçarias orientaes, havendo exemplares cuja analogia com os tapetes da Persia é evidentissima.

Não é facil estabelecer a data da introducção d'esta curiosa industria em Arraiolos. Existia já na primeira metade do seculo XVIII, e, porventura, no anterior.

O P.<sup>o</sup> Luis Cardoso, quando, no seu *Diccionario Geographico* (1747)<sup>2</sup>, falla d'essa villa, diz-nos:—«Ha nesta villa fabrica de tapetes, que d'aqui levam para outras terras do reino». (Advirta-se que tudo leva a crer que a industria de que tratamos teve sempre caracter propriamente *caseiro*, não devendo, pois, tomar-se no sentido hoje mais corrente a palavra *fabrica*).

Na *Corografia Portuguesa*, do P.<sup>o</sup> Antonio Carvalho da Costa (1708), não vemos citada esta industria,—o que, todavia, não constitue (é claro) prova de que, ao tempo, não era ainda cultivada na antiga villa do Alemtejo.

Num dos livros mais movimentados, mais pinturescos, mais reveladores, por assim dizer, que estrangeiros teem consagrado á vida portuguesa, livro repassado, é certo, de fina ironia, mas, ao mesmo tempo, animado de grande benevolencia para comnosco, o livro de Beckford, *Italy with sketches of Spain and Portugal*, ha curiosas referencias aos tapetes bordados de Arraiolos.

Aqui as reproduzo, da versão portuguesa da parte d'esse livro referente ao nosso pais, versão ha poucos annos dada á estampa sob o titulo *A côrte da Rainha D. Maria I—Correspondencia de W. Beckford* (Lisboa, 1901): «Fiz uma provisão de tapetes para a minha viagem, todos de um desenho grotesco e de côres retumbantes,—producto de uma fabrica da villa que dá trabalho a trezentos operarios».

.....  
«Os meus tapetes foram uteis para me preservarem os pés da humidade do ladrilho (na hospedaria em Estremoz). Mandeí-os estender em

<sup>1</sup> *Memorias de Arraiolos*, ms. da Bibliotheca de Evora.

<sup>2</sup> Tomo 1, p. 591, ecl. 2.<sup>a</sup>

volta do leito; e, olhando-os, a sua diversidade de côres offereceu-me um aspecto completamente exotico». (Carta de 1 de Dezembro de 1787)<sup>1</sup>.

Cumpre observar que a palavra inglesa traduzida por *fabrica* é *manufactory*, que significa, propriamente, *manufatura*. O vocabulo inglês correspondente áquelle nosso é *factory*.

O autor do poema *Caloirados*, que faz parte da conhecida *Macaronea Latino-Portuguesa*, descrevendo a jornada de um caloiro, de Reguengos para Coimbra, alludê tambem aos tapetes de Arraiolos:

Cum Rayolos intrat, dives terra tapetum.

Assim o recorda o erudito Rivara, que tambem faz notar que numa das peças do *Judeu*, ao indicar-se a mobilia de uma sala, se menciona um caixão coberto com um tapete de Arraiolos.

É de crer que noutros pontos do Alemtejo se bordassem tapetes, — embora, talvez, só em Arraiolos se tingissem as lãs. Que, em todo o caso, tiveram larga diffusão, é incontestavel. Na zona dos Saloios, por exemplo, abundavam, quando começou a procura, e ainda hoje apparecem alguns. Em Alpolentim, logarejo das cercanias de Cintra, adquiri eu os dois que possuo.

Parece que, em Hespanha, porventura na Andaluzia, houve uma industria parallela. Nos tapetes considerados hespanhoes, o ponto, formado como o dos nossos, toma diversas direcções, o que não succede nas tapeçarias de Arraiolos. As côres são menos numerosas (seis ou sete, apenas), e mais vivas, predominando o azul e o amarello. Os motivos ornamentaes, contornados a *ponto-de-pé*, apresentam-se mais geometricos e mais complicados. Assim, numa flôr, por exemplo, inscrevem-se varios pequeninos motivos, como rodellas, triangulos, folhas, etc., por sua vez contornados por aquelle ponto.

\*  
\* \*

Eis agora o que se refere aos processos empregados no tingir das lãs, aos preços das drogas e áquelles por que se vendiam os diversos exemplares produzidos pelas bordadoras arraiolenses:

#### Azul

Deita-se o anil (na proporção abaixo declarada) de molho, na vespera, numa tigela ou alguidarinho com agua. No dia seguinte áquelle, se urina num tacho, e vão-se juntando as differentes tachadas, depois de quentes, numa tarefa, asado,

<sup>1</sup> P. 183 e 184.

ou outro grande vaso de barro, tendo attenção a que seja liquido sufficiente para lhe caber folgadoamente a lâ que se quer tingir. Nesta urina assim junta e quente, se vae a pouco e pouco lançando a tinta acima, do anil, esmagando a pedra ou massa do anil no alguidarinho com uma mão de almofariz até de todo se desfazer, para o que se lhe vae accrescentando a agua, se tanto é preciso. Mexe-se todo o liquido até ficar nelle a tinta toda distribuida por igual, e conserva-se ao pé do lume, sempre morno. Mette-se-lhe a lâ suja, e como vem da costa da ovelha, mas bem aberta e escolhida, a qual todos os dias se tira para fóra, se espreme, e se põe um pouco ao ar; aquece-se novamente a calda, e torna-se-lhe a metter a lâ; e isto se repete por tantos dias, quantos sejam sufficientes para a lâ tomar aquelle azul que se quer. Tres dias são de ordinario sufficientes; e, se o anil é bom, bastam dois. O bom anil é em pedra e côr de cobre, e tanto melhor quanto mais côr de cobre. Estando a lâ tinta, espreme-se, lava-se em agua limpa, e põe-se a enxugar á sombra, porque o sol faz a lâ aspera, e só o amarello e talvez o verde se não resentem da influencia do sol. E assim fica a lâ pronta para se cardar<sup>1</sup>, fiar, desengredar<sup>2</sup> e fabricar, etc.

Na mesma calda que ficou d'esta primeira tintura, continuando a metter-se mais lâ com as mesmas manipulações, vae de cada vez saindo uma côr azul mais clara, até o que chamam *pombinho*, que anda quasi por uma côr de perola.

E assim deita esta calda, ao menos, tres diversas tintas.

Se metterem lâ sem sugo no anil, não tinge bem.

Onça e meia de anil pôde tingir, da primeira côr, quatro arrateis de lâ, e pôde regular para outros quatro mais claros, sendo o anil e a lâ bons.

Quando o anil sae da calda, mostra côr verde, mas, em se deitando no chão, fica logo anil. Conhece-se que a calda já não pôde deitar azul capaz, quando estiver já muito grossa e com uma côr de cinza não espelhenta.

A lâ grossa toma melhor as tintas do que a lâ fina.

Se a calda das tintas não for sufficiente para acravar a lâ, fica esta ou o fiado com manchas na côr.

A tinta azul é a unica para a qual se emprega a lâ suja e com sugo. Para todas as outras serve a lâ já lavada do sugo e esfregada em agua morna. Seca-se depois, acarmeia-se, carda-se e fia-se á roda. Depois de fiada e torcida, tira-se-lhe o azeite da cardança com greda. Para isso, desfaz-se a greda num alguidar em agua, de fórma que fique um polme grosso; mettem-se as meadas neste polme, e, estando bem embebidas na greda, põem-se a secar ao sol até secar a greda, de fórma que, sacudida a meada, sae-lhe a greda fóra. Depois, lavam-se as meadas em agua, e ficam assim limpas do azeite, mas com muito menos peso.

### Encarnado

Primeiramente, huma-se a lâ.— Para isso, desfaz-se a pedra hume pisada e bem moida ( $\frac{1}{4}$  e 2 onças de pedra hume chegam para 2 arrateis de fiado, e em cada arratel costumam entrar 4 meadas, depois de desengredado) em agua clara da fonte, quanta baste para acravar a lâ. Pega-se nas meadas do fiado já desengredado e pronto, molham-se em agua pura, e, depois de molhadas, mettem-se na agua humada. Molham-se primeiro, para ficar o fiado todo humado por igual

<sup>1</sup> Se carmeiar (Na entrelinha).

<sup>2</sup> Tirar do azeite (Na entrelinha).

e sem manchas. Vae ao fogo, e ferve o fiado na agua humada uma hora bem puchada; mas basta uma fervura pouco aberta. Depois, arreda-se, e deixa-se estar até arrefecer o liquido, o que anda por uma hora.

2.<sup>a</sup> operação.—Tinta do pau.—Toma-se pau Brasil bem picado (1½ arratel de pau bom tingi 2 arrateis de fiado), e uma metade d'esta dose deita-se num taleigo, e mette-se dentro num tacho de agua, e põe-se ao lume até principiar fervura e tingir a agua da côr de carne; tira-se depois para fóra da agua o taleigo do pau, e nessa tinta se mette o fiado já humado, e ali se deixa estar por algum tempo; tira-se depois para fóra e põe-se as meadas a escorrer, sem torcer. E, como a tinta não costuma ficar boa d'este primeiro olho, dão-se-lhe sempre mais olhos, para o que ferve-se na mesma agua a outra porção do pau, acrescentando a agua, se é preciso, porque as meadas devem sempre ficar acravadas; torna-se-lhe a metter da mesma sorte o fiado, e assim se repetem estas operações, até ficar o encarnado com a côr que se quer.

Se, por acaso, logo desde a primeira vez a lâ sair muito carregada em côr (o que não convem, porque, em não tingindo a pouco e pouco, não fica a côr espellhenta e brilhante), deita-se uma pequena porção de pedra hume no tacho, e mexe-se, e logo abranda a côr.

A tinta encarnada é, de todas, a mais custosa de fabricar; ás vezes, gasta-se um dia inteiro para uma só tintura, dando olhos, etc.

### Côr de rosa e côr de carne

Nesta calda que ficou do encarnado, mettendo lâ nova, humada como acima, e com todas as mais diligencias ditas, mas sem novo pau, vae saindo tingida, primeiro de côr de rosa, depois de côr de carne, que é a mais desmaiada que fazem.

Estas ultimas côres, porém, podem-se carregar á vontade, com mais ou menos pau, que novamente se ferve na calda.

### Amarello

A lâ preparada em meada como acima, etc.

1.<sup>a</sup> operação.—Cozedura do lirio.—Ferve-se o lirio num tacho (8 ou 9 molhos de lirio chegam para as duas operações sobre 2 arrateis de fiado) até ficar bem cozido, e, depois, deixa-se assentar e escorre-se a agua para outro vaso.

2.<sup>a</sup> operação.—Humação no lirio.—Pisa-se bem a pedra hume (nas proporções já ditas) e desfaz-se nesta agua do lirio; depois, mette-se-lhe a lâ já molhada, que fique acravada no liquido, e ferve-se por espaço de uma hora.

3.<sup>a</sup> operação.—Lirio com urina.—Á parte, coze-se mais lirio (outra tanta porção) em agua limpa, e, depois de tirado o lirio, como acima, mistura-se nesta agua uma tigela de urina. Nesta agua, torna-se a metter a lâ que saiu d'aquella, vae ao lume, onde ferve até uma hora; depois, arreda-se, e, em esfriando, bandeia-se a lâ em agua clara; e está a tinta pronta.

Quando se quer amarello mais claro, o que cá chamam côr de palha, basta tingir a lâ naquella primeira agua da humação.

### Amarello torrado

É o amarello, que saiu do processo acima, mettido, depois, na agua do eucar-nado quente; e basta estar ali um bocado de molho.



### Vermelho

1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> operação.— A lã, em meadas da mesma sorte, huma-se em agua de trovisco, assim como o amarello se humou com agua de lirio.

3.<sup>a</sup> operação.— Tinta do pau.— Depois, prepara-se a tinta do pau Brasil da mesma sorte que para o encarnado, e igualmente se lhe mette a lã. Com esta differença, porém: que, quasi no fim da fervura, se lhe lança uma porção de urina. E não se lhe bota antes, para não arroxar; e, logo que arroxar, deita-se-lhe então uma pedrinha de pedra hume, como acima, e aclara a côr. Dão-se tambem varios olhos na lã, como no encarnado, deitando, porém, na calda, em cada olho, bastante urina.

D'esta côr, tiram uma só.

Costumam aproveitar, para esta tintura, as sobras da calda que ficou do encarnado e côr de rosa.

### Verde

É a lã já preparada de anil, que se mette na tinta amarella, exactamente com o mesmo processo, que lá ficou descrito para a lã branca; e até se mette promiscuamente na mesma operação lã azul e lã branca. E assim sae, o que era azul, verde; e o que era branco, amarello.

Conforme o azul já era mais ou menos carregado, mais ou menos espelhento, assim tambem sae o verde com as mesmas qualidades.

Se o verde se quer mais ferrete, lança-se na calda uma pequena porção de capa rosa.

### Roxo

A lã, já pronta de encarnado, mette-se em decoada quente, mas não precisa ir ao lume. Está o tempo que parece sufficiente, e depois enxagua-se, porque nenhuma côr se estraga.

A decoada querem algumas tintureiras que seja por força a lixivia que passou pela roupa da barrela, etc. Mas ha quem se tenha servido de qualquer cenrada ou lixivia simples, com o mesmo resultado.

### Côr de pulga

É a lã preta, lavada, fiada e pronta em meadas, mettida na tinta do vermelho, na fórmula acima declarada.

\*

Não usam da côr preta na lã, porque, sendo necessaria para esta côr a tinta do pau de campeche, esta tinta larga muito, e suja por isso as outras tintas.

\*

A lã grossa toma melhor as tintas que a fina.

\*

Uma arroba de lã suja deita metade d'este peso depois de cardada; e, depois de tirado o azeite, fica nuns 13 a 14 arrateis.

Os pesos de lã, de que acima se dão as proporções para as tintas, entenda-se que é a lã pesada já depois de reduzida a este ultimo limite, á excepção da tinta azul, para a qual, como vimós, serve a lã suja.

\*

### Preço das drogas da tinturaria

Anil—onça, 120 réis.

Pedra hume—arratel, 80 réis.

Pau Brasil—sendo da Rainha, que é o da melhor qualidade, 200 a 240 réis o arratel; ordinario, 120 réis.

Pau campeche—arratel, 80 réis.

Lirio—o molho, que costuma caber num punhado, 20 réis.

Trovisco—apanha-se gratis nos campos.

Caparosa—?

\*

Um enxalmo bom—2\$000 réis.

Carapuças grandes—a duzia, 960 réis.

Meias carapuças—a duzia, 600 réis.

Carapuças pequenas—a duzia, 480 réis.

Tapetes.—Costumam medir-se pelas varas de canhamação que levam. Custa a vara 1\$000, 1\$200 réis e ás vezes mais.

Um tapete de vara e meia chega para a albardadura de uma cavaladura, e estes tiram-se de 2\$100 a 2\$400 réis.

Varios arreios e enfeites de bestas de carga, com diversos nomes e feitos, e mui variadas peças<sup>1</sup>.

\*

\* \*

O apreciado decorador José Queiroz, que tão perseverante e louvavelmente procura filiar os seus trabalhos em as nossas tradições artisticas, acariciava, ha muito, o pensamento de resuscitar essa velha industria portuguesa, multiplicando-lhe e corrigindo-lhe os padrões, embora sem lhe alterar, na essencia, o systema decorativo. O ponto seria fielmente conservado, e seguidos com rigor os antigos processos de tingir as lãs (ultimamente modificados já pelo uso das anilinas), para que as côres não perdessem aquella entonação especial, que é uma das características dos bordados de Arraiolos.

Pôde já o distincto artista ensaiar a realização do seu bello pensamento, fazendo executar naquella villa, sob os seus auspicios, dois interessantissimos trabalhos, que tive ensejo de apreciar.

<sup>1</sup> Esta curiosa indicação de preços foi já publicada pelo Sr. Antonio Francisco Barata (*D. Bruno da Silva*), em uma das notas ao seu romance historico, *O ultimo Cartuzo* (p. 398).

Um d'elles é um amplo reposteiro, encommendado pelo meu amigo o Sr. Anselmo Braamcamp Freire: tem, sobre fundo azul, o escudo das armas do illustrado possuidor, e apresenta uma larga cercadura, muito graciosa, de folhagens e flores, sobre fundo amarello.

O outro é uma serie de oito panos para a sala de bilhar do palacete do Sr. José Vianna da Silva Carvalho. São todos salpicados de pequeninas rosas sobre fundo azul, e tem dupla cercadura: a exterior, vermelha, com os cantos rosetados e interceptada por quatro pequenos escudos; a interna, constituida por uma delicadissima grinalda de flores, que destaca de fundo amarello claro.

Das antigas tapeceiras, tres representantes somente encontrou o Sr. José Queiroz, e de nenhuma se pôde valer para a execução dos trabalhos de que se encarregára, porque uma era octogenaria, e as outras — suas discipulas — bordavam de preferencia jaezes, — aquelles jaezes tão pinturescos e tão caracteristicos das mueres alemtejanas.

Tomaram conta da tarefa a Sr.<sup>a</sup> D. Angelica Perdigão de Carvalho e suas irmãs, que reproduziram habilmente os desenhos do artista, parte copiados de tapetes antigos, parte seus, mas inspirados nos padrões tradicionaes. As lãs, obtidas na localidade, foram tintas em Arraiolos pelas antigas receitas, havendo o Sr. Queiroz posto o maximo escrupulo em que nada fosse alterado, a ponto de ter vindo a Lisboa expressamente para adquirir o *pau rainha*, que alli se não encontrára.

Em Evora, onde se alojava sempre que ia a Arraiolos vigiar a execução da sua obra, o Sr. Queiroz fallava d'ella com entusiasmo, e mostrava como seria interessante e facil promover o resurgimento d'essa tradicional industria.

Foi, acaso, devido á suggestão das suas palavras e do seu exemplo que o governador civil do districto, o Sr. Henrique de Sá Nogueira, determinou emprehender essa resurreição, officiendo sobre o assunto, em dezembro de 1899, ao Sr. Conde da Serra da Tourega, então provedor da Casa Pia d'aquella cidade. Vieram de Arraiolos dois individuos que conheciam o preparo das lãs e das tintas, e, dentro em pouco, bordavam as alumnas d'esse instituto alguns tapetes, por encommenda. O fallecido engenheiro Henrique Telles Massano da Silva Amorim, que succedeu na provedoria ao Sr. Conde, interessou-se muito pelo desenvolvimento d'essa industria, que ainda hoje alli é exercida.

As tapeçarias de Arraiolos tem ultimamente captivado a attenção de algumas senhoras portuguezas, — entre as quais as senhoras D. Maria da Ascensão Castello-Branco de Arantes e D. Maria Adelaide Caminha da Silva Pessanha. Uma e outra, combinando motivos colhidos em exemplares authenticos, e, — quanto possivel, — empregando lãs ob-





TAPETE DE ARRAIOLOS

(Aquarella de E. Casanova)

tidas em Arraiolos e tintas pelos processos tradicionaes, tem já produzido lindos tapetes, de bello effeito decorativo, e, quer no desenho, quer na polychromia, com aquelle character especial, aquella inconfundivel accentuação, que distingue os productos da velha industria de Arraiolos. A primeira tem, alem d'isso, restaurado, com summa habilidade, tapetes antigos, — alguns tão damnificados, que deve antes dar-se o nome de *restituição*, que o de *restauração*, ao difficil trabalho de que foram objecto.

Das obras d'esta senhora, tanto num como noutro genero, pôde o publico apreciar alguns especimes na ultima exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes, onde constituíam a *nota* mais interessante da secção de arte decorativa, e foram premiados com medalha de terceira classe.

Junho de 1906.

D. JOSÉ PESSANHA.

---

### Relatorio de uma excursão archeologica ao Alemtejo e Algarve

Tendo sido encarregado pelo Sr. Director do Museu Ethnologico de adquirir diversas antiguidades de valor archeologico, muitas d'ellas já promettidas ao Museu, parti no dia 7 de Fevereiro d'este anno (1906) para Villa Nova de Portimão em cumprimento d'esse encargo.

De Villa Nova de Portimão dirigi-me a casa do Sr. Patricio Judice, morador no logar da Mexilhoeirinha, concelho de Lagoa, a fim de tomar conta da collecção archeologica que pertenceu ao Sr. Antonio Joaquim Judice, já fallecido<sup>1</sup>, irmão do Sr. Patricio Judice, e por este amavelmente cedida ao Museu Ethnologico.

Mas, antes de fazer a enumeração dos objectos adquiridos, devo renovar os meus agradecimentos ao Sr. Patricio Judice, pela penhorante affabilidade com que me recebeu e facilitou o bom desempenho da minha missão.

Eis a lista dos objectos por elle offerecidos ao Museu:

- 1) Um grande instrumento de ferro antigo, — talvez instrumento de supplicio.

---

<sup>1</sup> Cfr. *O Arch. Port.*, ix, 320-321, onde vem a respectiva noticia necrologica.